

Copyright © Telma Guimarães, 2019.

Coleção É hoje! Hoje é...

Direção Presidência: Mario Ghio Júnior

Direção de Conteúdo e Operações: Wilson Troque

Gerência editorial: Cintia Sulzer

Editora: Bárbara Piloto Sincerre

Planejamento e controle de produção: Patrícia Eiras e Adjane Queiroz

Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),

Rosângela Muricy (coord.), Ana Maria Herrera, Diego Carbone,

Gabriela M. Andrade, Patrícia Travanca, Sandra Cristina Fernandez;

Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)

Arte: Daniela Amaral (ger.), Erika Tiemi Yamauchi (coord.)

e Nathalia Laia (assist.)

Ilustrações: Bill

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Guimarães, Telma

Uma aldeia perto de casa / Telma Guimarães; ilustrações

Bill. – 4. ed. – São Paulo : Atual, 2019.

il. – (Coleção É hoje! Hoje é...)

ISBN: 978-85-5769-186-5

I. Literatura infantojuvenil I. Bill (ilustrador).

II. Título. III. Série.

2019-0286

CDD-028.5

Júlia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

2019

ISBN 978-85-5769-186-5

CL: 811453

CAE: 660184

4ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: 4003-3091 | atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

*Para Lucas Souza Rosa de
Castro Andrade, meu neto
e companheiro de histórias
que ainda escreveremos
juntos. Bem-vindo ao
mundo dos livros!*



É hoje!
Hoje é...

Dia do Índio

TELMA GUIMARÃES

UMA ALDEIA PERTO DE CASA

Bill

ILUSTRAÇÃO

4ª edição

 **Atual**
Editora





“**E**ram quase cinco milhões de indígenas em 1500 e hoje sobraram pouco mais de oitocentos mil.” — A professora escreveu a frase na lousa e, antes de terminar a aula, passou uma pesquisa sobre o Dia do Índio.

Fui para casa pensando na pesquisa e na frase. À noite, eu já tinha revirado um monte de livros que tinha em casa e recortado umas fotos coloridas, quando decidi pedir ajuda ao meu pai.

— Podemos ir a um lugar próximo da nossa cidade, onde há uma aldeia guarani — meu pai sugeriu. — O que você acha? Ajudaria na sua pesquisa?

— E como! — Eu fiquei superfeliz. Puxa, nem imaginava que pertinho da nossa cidade ainda havia uma aldeia indígena. Aquela notícia tinha me surpreendido mesmo!

Sáimos no sábado bem cedo. Minha mãe estava tão animada quanto a gente.

Meu pai pegou um mapa rodoviário e circulou em vermelho o lugar em que os índios moravam. Ele ainda não se acostumou a usar GPS.

Depois de errar o caminho algumas vezes, resolveu pedir orientação num posto de gasolina. Um moço explicou onde era a estradinha em que devíamos entrar para chegar à aldeia.

— Esse lugar não chega nunca! — minha irmã reclamou.

— Daqui a pouco o Dia do Índio já passou e nada de a gente encontrar essa aldeia... — eu brinquei.

— Agora estamos chegando... são setenta quilômetros até lá... não é um pulinho, certo? — meu pai explicou.

— Eu sei quando é o Dia do Índio! É 19 de abril! — Minha irmã ficou mais animada. — Aqui no Brasil tem um monte de índio. No ano passado, a minha classe teve que se vestir como eles, pintar o rosto e fazer a mesma comida que os índios comem.

A minha irmã fala cada bobagem! E índio lá veste roupa como a gente?



— Eles andam pelados, Mônica! E só se pintam quando vão guerrear ou quando é dia de festa na aldeia — eu corrigi.

— Então... a festa era no Dia do Índio e a gente tinha que se pintar com aquelas sementinhas vermelhas... lembra como foi difícil de sair depois, mãe?

Ela lembrava, sim. A semente era de um fruto chamado urucum. Minha mãe usava o pó de urucum para temperar alguns alimentos.

A Mônica começou a passar batom vermelho no rosto. Disse que queria ficar parecida com uma índia.

Meu pai finalmente avistou a placa indicativa da aldeia e estacionou um pouco mais adiante.

Descemos do carro e fomos a pé até lá.

Pensei que fosse encontrar uma fileira de ocas e índios trançando cestos de palha, mas tudo o que vi foi uma casa bem grande, de madeira, e outras, de tijolos, ao redor.

